



Previ
Siemens

Relatório Anual de Informações **PREVI-Siemens**

Boas-vindas ao Relatório Anual de Informações 2023

É um privilégio compartilhar os resultados obtidos pela PREVI-Siemens em 2023 com você. Nosso trabalho, esforço e dedicação estão refletidos ao longo deste documento.

Acreditamos que a relação entre o participante e a entidade deve florescer a partir de um alicerce de confiança e credibilidade. O Relatório Anual de Informações (RAI) cumpre com esse objetivo, demonstrando de forma clara e transparente o comprometimento de nossa equipe.

Reserve um tempinho para avaliar os resultados e sempre acompanhe o seu plano. Este patrimônio é fruto da sua dedicação ao longo de anos de trabalho e deve acompanhar a sua longa jornada de vida com segurança financeira, conforto e tranquilidade.

Ao aderir aos benefícios da PREVI, você já deu o primeiro passo para o melhor futuro. Aprecie as conquistas de 2023 e contate-nos para sanar quaisquer dúvidas. Combinado?

Atenciosamente,
PREVI-Siemens



Canais de Atendimento

☎ (11) 98940-9747 | (11) 97866-0480

☎ (11) 97613-0506 | (11) 93203-8961

🌐 www.previsiemens.com.br – Fale conosco

índice

- 1 Sobre a PREVI-Siemens
- 5 Aconteceu em 2023
- 9 Desempenho econômico em 2023 e perspectivas para 2024
- 34 Investimentos
- 37 Política e demonstrativo de investimentos
- 38 Obrigações legais
- 39 Despesas administrativas

Previ
Siemens

Sobre a **PREVI-Siemens**

Nossos planos: Plano Básico | Plano Suplementar | Plano CD

Patrimônio

R\$ 2,1 bilhões

Patrocinadores dos planos

Siemens Energy • TDK • Siemens Healthineers • Chemtech • ITB

Energy Assets • Dresser Rand • Jaguarí • Siemens Mobility

Siemens Infraestrutura e Indústria • Siemens Large Drives

Participantes

Ativos - 6.223

Assistidos - 1.632

BPD - 629

Autopatrocínados - 637

Participantes totais nos últimos 3 anos

2021 - 8.551

2022 - 8.817

2023 - 9.121

Contribuições recebidas em 2023

R\$ 74,9 milhões

Benefícios pagos em 2023

R\$ 79,8 milhões

Previ
Siemens

Aconteceu em 2023

Educação financeira e previdenciária para os participantes

Estimular a educação financeira dos nossos participantes é um ponto de grande relevância para nós. A partir dela, podemos fazer escolhas cotidianas com base no que de fato é importante em nossas vidas e o que queremos conquistar a curto e longo prazo.

Newsletter PREVI-Siemens

A newsletter PREVI-Siemens é um informativo bimestral que reúne as principais notícias relacionadas ao seu plano de aposentadoria, trazendo dicas para a construção de um futuro financeiramente estável e feliz.

Quer acessá-la?

[Clique aqui](#)

Perfil de Investimentos

Em março e setembro, você tem acesso às janelas para alteração do Perfil de Investimentos do seu plano de aposentadoria. Para estimular a reflexão neste momento de decisão, disponibilizamos uma série de vídeos explicativos sobre investimentos e mercado.

O Guia de Perfil de Investimentos é outro material importante com conteúdos educativos.

[Clique aqui](#)

A Previ tá On

Em agosto de 2023, realizamos o Mês da Previdência com a campanha “A Previ tá On”, que contou com uma sequência de 5 lives sobre assuntos do presente e, mais que isso, do futuro: saúde, carreira, família, diversão e finanças em um só espaço.

[Clique aqui](#)

Alterações Regulamentares

A PREVI-Siemens promoveu alterações nos Regulamentos dos Planos de Aposentadoria da Entidade para atender à legislação vigente, que amplia as possibilidades dos participantes em relação aos institutos do autopatrocínio, do benefício proporcional diferido, da portabilidade e do resgate.

Plano de Aposentadoria de Contribuição Definida

As alterações propostas do Regulamento do Plano de Aposentadoria de Contribuição Definida foram aprovadas em março de 2024 e publicadas no Diário Oficial da União por meio da Portaria PREVIC n.º 181.

Confira o regulamento vigente.

[Clique aqui](#)

Plano de Aposentadoria Básico e Suplementar

As alterações propostas nos Regulamentos dos Planos de Aposentadoria Básico e Suplementar foram aprovadas em novembro de 2023 e publicadas no Diário Oficial da União por meio das Portarias PREVIC n.º 1.057 e n.º 1.056, respectivamente.

Confira os regulamentos vigentes.

[Clique aqui](#)

Escolha de regime tributário: você está por dentro da Lei n.º 14.803?

Esta foi uma novidade especial do sistema de previdência nacional. Com a sanção da Lei n.º 14.803/2024, a escolha da tributação do seu plano de aposentadoria pode ser feita no momento do recebimento do benefício ou do resgate. Antes, a opção era feita na adesão.

Essa alteração é aplicável aos participantes do plano Suplementar e plano CD da PREVI-Siemens.

A mudança das regras é uma conquista relevante que permite a escolha do regime tributário quando você efetivamente fará uso dos recursos, ocasião em que terá mais informações e condições de avaliar qual é a melhor opção para o seu perfil e para as suas necessidades financeiras.

Importante: alguns pontos sobre essa alteração na legislação ainda estão se desenrolando e devem ser normatizados pela Receita Federal do Brasil em breve.

Desempenho econômico em 2023 e perspectivas para 2024

Os seus investimentos na PREVI estão aplicados no mercado financeiro e dependem, entre outros fatores, da performance da economia. Trouxemos aqui os principais acontecimentos que impactaram o mercado de investimentos em 2023 e uma breve perspectiva para 2024.

Acompanhe!

2023: ano de recuperação, mas com muita volatilidade

Após o término de 2022, um ano para ser esquecido, em que a inflação persistente exigiu agressividade das políticas monetárias dos Banco Centrais, roubando a atratividade dos ativos de risco e abrindo a possibilidade para as economias caminharem rumo à recessão, não era possível esperar que a simples virada do ano-calendário traria outra sensação senão cautela.

Afinal de contas, no limite, a passagem de ano significa apenas 24 horas de diferença em relação ao ano anterior, de forma que os assuntos e as preocupações que habitaram as mesas dos analistas e as mentes dos investidores (inflação, juros e crescimento) permaneceram pautando o ritmo dos negócios nos principais mercados ao redor do mundo.

Neste cenário, os investidores iniciaram o ano com prudência, analisando as principais informações e dados econômicos que, já no começo de janeiro, trouxeram a mensagem do Banco Central dos EUA (FED) de que não haveria espaço para qualquer queda dos juros em 2023 e que ele seria elevado acima de 5% ainda no primeiro semestre.

Mesmo diante da negativa mensagem de juros mais altos, que são ruins para a atividade econômica de qualquer país e consequentemente para os ativos de risco, ao longo do trimestre os investidores passaram a se apoiar em dois pilares para reverter as expectativas pessimistas do começo do período: dados positivos da atividade, tanto nos EUA quanto em outras regiões, e leituras mais benignas do lado da inflação.

Assim, o receio que as altas taxas de juros poderiam gerar para a economia dos países, principalmente os Estados Unidos, foi suplantado por dados econômicos robustos que apontavam para um país com atividade forte, o que daria tempo para o FED continuar sua batalha contra a inflação sem causar danos mais profundos nas economias.

Se por um lado a economia forte gera mais tempo para o Banco Central praticar taxas de juros altas para combater a inflação, uma economia e consumos robustos colocam mais pressão altista nos preços.

Essa dicotomia apareceu por várias vezes ao longo do ano e foi uma das responsáveis por uma outra marca emblemática de 2023: a quantidade de reviravoltas ocorridas nos cenários e mercados.

Além da primeira em fevereiro, quando os investidores se deram conta de que a economia forte tem seu lado negativo, março trouxe para a já complicada equação do controle de inflação (alta de juros e crescimento econômico) uma nova variável: problemas no setor bancário.

A quebra do Silicon Valley Bank e do Signature Bank - consideradas como a segunda e a terceira maiores quebras da história dos Estados Unidos - fizeram com que fosse montada uma grande ação conjunta entre FED, Tesouro norte-americano e FDIC (correlato ao nosso Fundo Garantidor de Crédito) para conter o contágio sobre todo o setor bancário, garantindo que todos os clientes teriam acesso à totalidade de seus depósitos de ambos os bancos.

Com o passar dos dias e após a quebra do Credit Suisse também ter sido evitada por uma linha de crédito disponibilizada pelo Banco Central Suíço e pela sua posterior compra pelo Banco UBS, a percepção de que a contágio sobre o setor e sobre a economia tinha sido evitado, trouxe alívio para os investidores.

No início do 2º semestre, os dados de atividade e de serviços absorveram bem os choques das taxas de juros e registraram leituras positivas, enquanto as informações colhidas do lado da inflação reforçaram que o comportamento dos preços nos EUA caminhava cada vez mais em direção à meta de 2% perseguida pelo FED.

Em agosto, a inversão no humor e nos negócios começou com os dados fracos da atividade chinesa, ligando o alerta de que a segunda maior economia do mundo estaria passando por dificuldades. Após a boa recuperação gerada pela reabertura da economia na virada do ano, a atividade perdeu fôlego e o setor imobiliário voltou a mostrar novos sinais de enfraquecimento (e problemas).

A confiança do consumidor se aprofundou, as vendas no varejo subiram abaixo do esperado, mesmo comportamento da produção industrial, enquanto a balança comercial apresentou números bem piores. Isso fez com que o governo Chinês lançasse mão de vários estímulos durante o segundo semestre, desde o corte das taxas de juros até o aumento do limite de déficit público para 4% do PIB.

Ao lado das dúvidas com a economia chinesa, outro fator de reversão do humor a partir de agosto (e que se manteve até outubro) foi o movimento das taxas dos títulos de 10 anos dos EUA. Conhecido como o pai da renda fixa mundial e destino de uma infinidade de investidores, inclusive praticamente todos os bancos centrais do mundo, as taxas desses títulos escalaram de 3,8% (fechamento em junho) para acima de 5% em outubro, máxima em 17 anos, o que aumentou a aversão aos riscos e derrubou os mercados.

Ainda haveria espaço para mais uma reviravolta no ano, e os meses de novembro e dezembro trouxeram redenção para os ativos de risco. Em uma conjunção de dados positivos dos EUA, com o mercado de trabalho menos “apertado”, inflação de 12 meses beirando os 3% e queda nas taxas dos títulos de 10 anos, os investidores foram para o risco e promoveram um grande rally nos mercados.

O S&P 500, um dos principais índices dos EUA, subiu todas as semanas nesses dois meses e acumulou alta de 13,7% no último bimestre do ano.

Como resultado, 2023 foi o ano da volatilidade, que, no fim, trouxe relevantes ganhos para os ativos de risco. O MSCI World, que representa uma cesta de ações globais, registrou alta de 21,77% no ano, enquanto o S&P500 subiu nas últimas 9 semanas de 2023 e acumulou ganho de 24,23%.

Os principais índices de renda fixa também registraram ganhos, como o Bloomberg Aggregate, um dos mais conhecidos e utilizados como benchmark pelos investidores, subindo 10% entre novembro e dezembro, melhores dois meses desde 1990, e com alta de 3,8% em dezembro, acumulando 5,5% no ano.

Um ano difícil para o Brasil também

A dinâmica dos mercados internacionais relacionada às preocupações com a inflação e seus impactos nas economias também influenciaram os ativos domésticos. O primeiro ano de um novo governo com uma nova agenda (principalmente econômica), os desafios das contas públicas e o cenário político deram nuances próprias à dinâmica dos mercados locais.

No começo do ano, a performance positiva da Bolsa brasileira (influenciada em parte pela entrada de capital estrangeiro) não passou a real complexidade do que foi o período. As falas e colocações do Executivo contra o equilíbrio fiscal e o controle de gastos se somaram à ampla frente de declarações e ataques ao Banco Central (e à sua independência) e à política monetária, além das críticas à meta de inflação determinada pelo Conselho Monetário Nacional.

Como resultado, janeiro foi muito ruidoso e impactou não só a performance dos ativos de renda fixa (devido à alta de juros dos títulos), mas também as perspectivas futuras para a Selic e para a inflação. A Bolsa se distanciou deste cenário e performou de forma positiva, auxiliada pela entrada de recursos estrangeiros e pelo sentimento positivo do exterior.

A partir de então, tanto em fevereiro quanto em março, o enredo mudou muito pouco, com as dúvidas e temores em relação ao cenário fiscal prevalecendo e os ataques ao Banco Central e à política monetária continuando. A performance da Bolsa brasileira sucumbiu aos ruídos e caiu mais de 10%.

No segundo trimestre, a dinâmica dos mercados internacionais impactou parcial e positivamente os negócios domésticos, sendo que a evolução de importantes assuntos da agenda local foram cruciais para a performance dos ativos.

O período começou ainda ruidoso, com as críticas ao Banco Central colocando em xeque a possível interferência do governo junto à Autoridade Monetária e à sua política. Com o passar dos meses, apesar de ainda existentes, as críticas diminuíram e a aprovação do Arcabouço Fiscal e o início da tramitação da reforma tributária ajudaram na melhora da percepção de risco do investidor e na volta do recurso estrangeiro para a Bolsa.

Além disso, a melhora da perspectiva da nota do Brasil de neutra para positiva pela S&P foi muito bem recebida, gerando elogios da Moody's sobre a firme postura do Banco Central no controle da inflação.

Como resultado, o Ibovespa teve um período de superlativos: melhor performance mensal em junho (9%) - desde dezembro de 2020- e primeira metade do ano com o maior rally em quatro anos (7,61%), desempenho positivo seguido pela renda fixa, com relevantes ganhos para os títulos prefixados e atrelados à inflação.

O bom humor começou a mudar a partir de agosto, ocasião em que o cenário ficou mais turvo, parte importada do exterior e parte gerada pelas incertezas das contas públicas nacionais.

Apesar da aprovação do novo arcabouço e do governo ter enviado para o Congresso o texto da PLDO que mantinha o compromisso de zerar o déficit primário em 2024, as dúvidas com a possibilidade de cumprimento dessa meta voltaram à tona.

Desde o momento em que foram apresentadas as premissas que o governo utilizou para entregar as metas de resultado primário nos próximos anos, os economistas avaliaram que havia uma relevante superestimação de receitas e subestimação de despesas.

Esse ambiente chegou a influenciar, inclusive, as expectativas de limite de corte da Selic, com o COPOM sinalizando claramente a “importância da firme persecução das metas fiscais”.

Independentemente disso, após mais de 2 anos (12 reuniões em que os juros aumentaram e 7 que foram mantidos em 13,75%), o Comitê de Política Monetária iniciou o processo de queda da taxa Selic, reduzindo-a em 1 ponto percentual (0,5 ponto por reunião) para 12,75%.

O mau humor e as perdas dos mercados se estenderam até novembro, momento em que a virada dos ânimos nos mercados internacionais impulsionou os ativos de risco domésticos.

As discussões em torno da meta de déficit primário continuaram. As alas do governo estavam advogando a favor de maiores gastos e contra o equilíbrio fiscal, além do comportamento corrente das contas públicas também preocuparem.

Porém, o noticiário local menos favorável não foi suficiente para ofuscar a relevante melhora dos mercados internacionais, da queda da Selic para 11,25%, das boas notícias vindas dos EUA e da robusta entrada de recursos estrangeiros na Bolsa: R\$ 38,8 bilhões em novembro e dezembro, o que resultou na segunda maior entrada anual da história.

Renda fixa

O mercado de renda fixa seguiu os passos do mercado internacional e das discussões sobre o equilíbrio e a agenda fiscal. Apesar das estratégias ativas (prefixadas e atreladas à inflação) terem registrado boas performances e ganhos acima do CDI no ano, a volatilidade foi relevante e, em alguns momentos, o cenário mais desafiador prejudicou os rendimentos.

Além da influência do cenário internacional, foram dois os principais fatores que interferiram nas taxas dos títulos prefixados e atrelados à inflação ao longo do ano: a dinâmica da inflação versus a expectativa do início da queda da taxa Selic e o cenário fiscal.

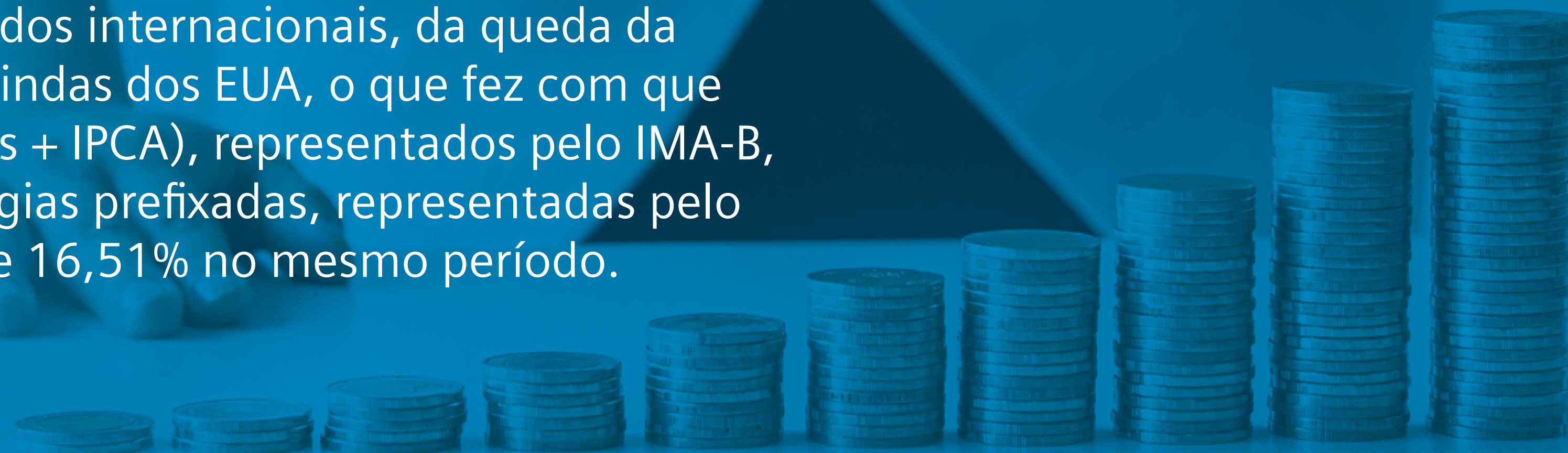
Quanto ao primeiro, a lição de casa feita pelo Banco Central, inclusive elogiada pela Moody's (comentada no texto anterior), fez com que a inflação diminuísse a ponto do Comitê de Política Monetária iniciar os cortes no começo do 2º semestre e promover uma diminuição de 2,5 pontos percentuais na taxa (levando-a a 11,25%).

Em relação ao segundo ponto, os desafios foram maiores. O ano começou sob a influência do aumento dos gastos públicos decorrente da PEC de Transição, o que já havia feito as taxas das NTN-B se elevarem significativamente ao final de 2022, e a demora para aprovação de uma nova regra fiscal.

Além disso, os ataques de parte do Executivo ao controle da dívida pública não ajudaram. Com o final do 1º semestre e a melhora do mercado internacional, as taxas recuaram e os títulos se valorizaram.

Porém, as dúvidas com a viabilidade das metas assumidas no Arcabouço Fiscal e a alta das taxas dos títulos de 10 anos dos EUA drenaram parte dos ganhos acumulados até julho.

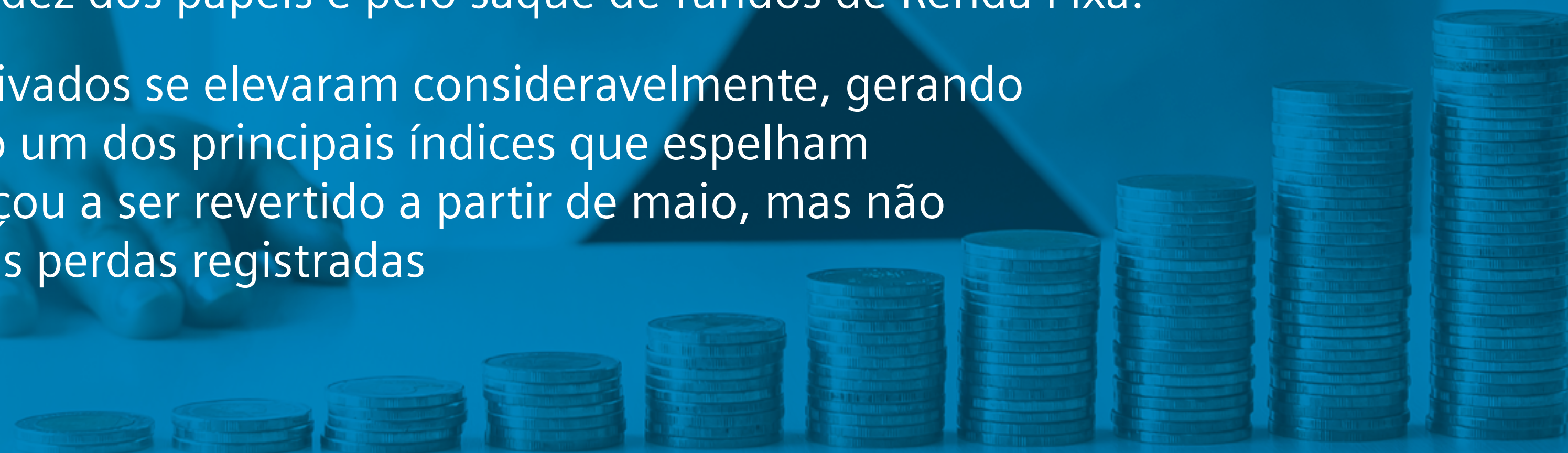
No final do ano, o noticiário local menos favorável não foi suficiente para ofuscar a relevante melhora dos mercados internacionais, da queda da Selic para 11,25% e das boas notícias vindas dos EUA, o que fez com que as estratégias atreladas à inflação (juros + IPCA), representados pelo IMA-B, rendessem 16,05% no ano e as estratégias prefixadas, representadas pelo IRF-M, registrassem uma valorização de 16,51% no mesmo período.



Os eventos ocorridos no mercado de crédito privado no 1º trimestre foram um capítulo à parte do mercado de renda fixa que vale um comentário isolado. As inconsistências contábeis e o posterior pedido de recuperação judicial da Americanas fez as debêntures perderem praticamente 85% de seus valores.

Também, entre janeiro e maio, vários eventos fizeram a Light e suas debêntures perderem pouco mais de 60% de seus valores. Além das perdas relevantes registradas por estes papéis, o mercado de crédito privado foi afetado como um todo pelo aumento do sentimento de risco dos investidores, pela menor liquidez dos papéis e pelo saque de fundos de Renda Fixa.

Como resultado, as taxas dos títulos privados se elevaram consideravelmente, gerando perdas de cerca de 3,5% (considerando um dos principais índices que espelham esse mercado), resultado que só começou a ser revertido a partir de maio, mas não suficientemente para recuperar todas as perdas registradas



Renda variável

O mercado de renda variável doméstico teve um período de grande volatilidade, e o principal índice da Bolsa de São Paulo oscilou entre a mínima de 97.926 pontos e a máxima de 134.193, o que significou, no pior momento, uma queda no ano de 7,2% (em março) e uma alta de 22,3% (no penúltimo dia do ano).

Conforme comentado no texto sobre o cenário econômico, alguns momentos do ano chamaram a atenção. O 1º trimestre foi o pior primeiro período em mais de 20 anos, somente sendo ultrapassado pelo 1º trimestre de 2020 (por motivos óbvios).

Em contrapartida, no segundo foi registrada a melhor performance mensal até então (9% em junho), tornando-se a primeira metade do ano com o maior rally em quatro anos (7,61%). Por fim, revertendo o mau humor registrado entre agosto e outubro, o último bimestre foi essencial para o resultado do ano, com performance acumulada de mais de 18%.

Além da alta volatilidade, outro ponto marcante do mercado acionário em 2023 foi a diferença de performance entre os setores, fazendo com que uns registrassem retornos substancialmente maiores do que outros e, mais ainda, do que o próprio Ibovespa.

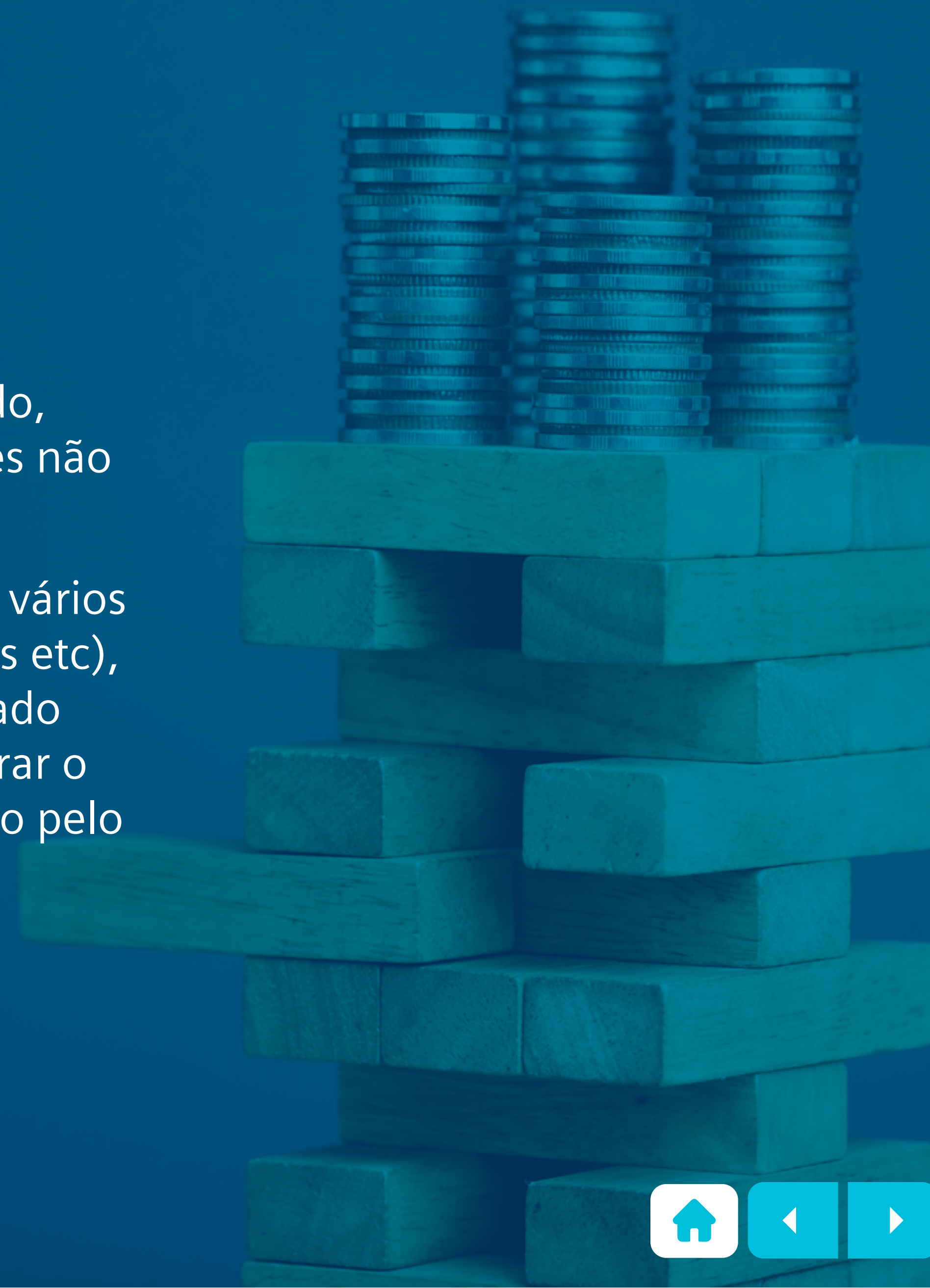
Diferentemente de 2022, com exceção de Mineração e Siderurgia, que recuou 1,4%, nenhum outro setor ficou no terreno negativo. Alguns exemplos positivos foram: Bancos com alta de 46,6%, Setor de Óleo, Gás e Petroquímico com 75,3% e Educação com 100%. Por outro lado, as piores performances ficaram para os setores de Saúde (3,7%), Varejo (7,2%) e Construção Civil (12%).

O Ibovespa registrou alta de 15,1% no último trimestre do ano, renovou sua máxima histórica após 4 anos e acumulou valorização de 22,28% no ano.

Estruturado

O Segmento Estruturado, representado pelos fundos Multimercado, voltou a registrar um ano desafiador, em que os principais gestores não conseguiram agregar os prêmios esperados pelos investidores.

Conhecidos por serem veículos que podem utilizar estratégias em vários mercados (renda fixa, ações, moedas, internacionais, commodities etc), inclusive montando posições que podem gerar ganhos se o mercado não performar bem, a maioria dos fundos sequer conseguiu superar o CDI, encerrando o ano com retorno médio de 9,30% (representado pelo índice IHFA, que retrata o segmento) contra o CDI de 13,04%.



Exterior

Grande volatilidade nos mercados internacionais, mas que no final foi compensada por relevantes ganho dos mercados acionários. O MSCI World, que representa uma cesta de ações globais, registrou alta de 21,77% no ano, enquanto o S&P500 subiu nas últimas 9 semanas de 2023, série mais longa desde 2004, e acumulou ganho de 24,23%.

Do mesmo modo, os principais índices de renda fixa também registraram ganhos, como o Bloomberg Aggregate - um dos mais conhecidos e utilizados como benchmark pelos investidores -, que subiu 10% entre novembro e dezembro, melhores dois meses desde 1990, e com alta de 3,8% em dezembro, acumulando 5,5% no ano.

Vale comentar que, como o real se valorizou perante o dólar e grande parte dos investidores que aplicam no mercado internacional estão expostos à variação cambial, essa valorização “roubou” parte dos ganhos (cerca de 7%).

Expectativas para 2024

Após dois anos de intensas batalhas contra a inflação, 2024 abre espaço para que as políticas monetárias se tornem menos restritivas nos países desenvolvidos, mesmo que permaneça a necessidade de mantê-las nesse terreno por mais algum tempo.

É claro que ainda há risco de que as economias de alguns países, inclusive dos EUA, sofram com os efeitos das altas taxas praticadas por tanto tempo e registrem desaceleração mais intensa, podendo se transformar em recessão. Porém, o cenário básico dos analistas e economistas não é esse e, desse modo, há uma perspectiva mais construtiva à frente.

Nesse sentido, caso as taxas de juros comecem a recuar, pode haver espaço para que os investidores tomem maiores riscos em suas carteiras. No entanto, isso deve acontecer de forma cautelosa e parcimoniosa, dados os riscos ainda existentes, como a baixa performance das economias e a possibilidade das quedas de juros esperadas pelos investidores não acontecerem na intensidade aguardada, ainda mais considerando que os mercados se valorizaram de maneira relevante em 2023.

Assim, apesar de mais construtivo, o cenário ainda exige cautela e paciência.

No Brasil, segundo expectativas do mercado divulgadas no último Relatório Focus de janeiro de 2024 (relatório divulgado pelo Banco Central com as projeções dos agentes econômicos), provavelmente o país seguirá os passos das principais economias e também apresentará um menor crescimento.

Em relação às taxas de juros, o Banco Central deverá promover novas quedas na Selic, mas há muitas discussões e dúvidas sobre até que nível ela recuará. O mesmo relatório Focus apresenta que a estimativa dos economistas é de que ela termine o ano em 9%, embora os mercados futuros de juros não estejam tão otimistas.

Um dos grandes entraves para um maior recuo ainda é a inflação mais resiliente do setor de serviços e o caráter inflacionário que a política fiscal do atual governo possui.

Inclusive, o lado fiscal continuará sendo um dos principais assuntos na condução da política econômica e do comportamento do mercado, porque neste ano será comprovado se as premissas assumidas no arcabouço fiscal eram válidas e a meta de déficit zero será entregue.

Para os mercados, apesar do cenário de baixo crescimento, desafios do lado fiscal e de esperarmos um ambiente ainda volátil, há espaço para a Bolsa de Valores performar positivamente, mesmo considerando a valorização de 2023.

Porém, do mesmo modo do cenário exterior, o doméstico ainda exige cautela e, com isso, o aumento de riscos não parece adequado, devendo ser avaliado com muita prudência. Na Renda Fixa, a agenda fiscal será ainda mais dominante e, apesar do arcabouço fiscal inibir que a dívida pública assuma caráter explosivo, é preciso que o governo persiga as metas estabelecidas, por mais difíceis que sejam.

Se isso ocorrer, o que até o momento em que este texto foi escrito era difícil de prever, as taxas de juros dos títulos prefixados e atrelados à inflação podem registrar ganhos, uma vez que um cenário de maior controle dos gastos proporciona espaço para as taxas de juros recuarem.

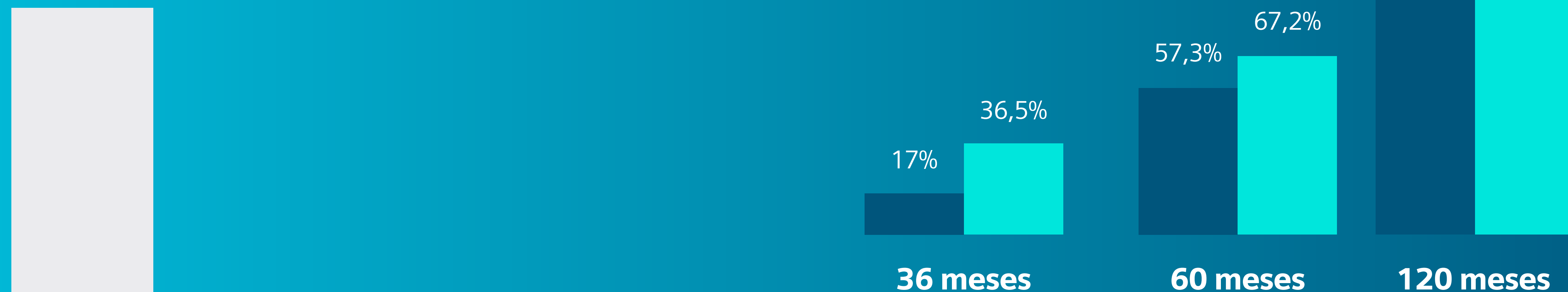
Mas, novamente, a lição de casa precisa ser feita, com o risco do país passar por momentos muito difíceis no futuro próximo.

Acompanhe sempre a rentabilidade do seu plano e atente-se aos acontecimentos do mercado.

Investimentos

Rentabilidade do plano x Meta Atuarial

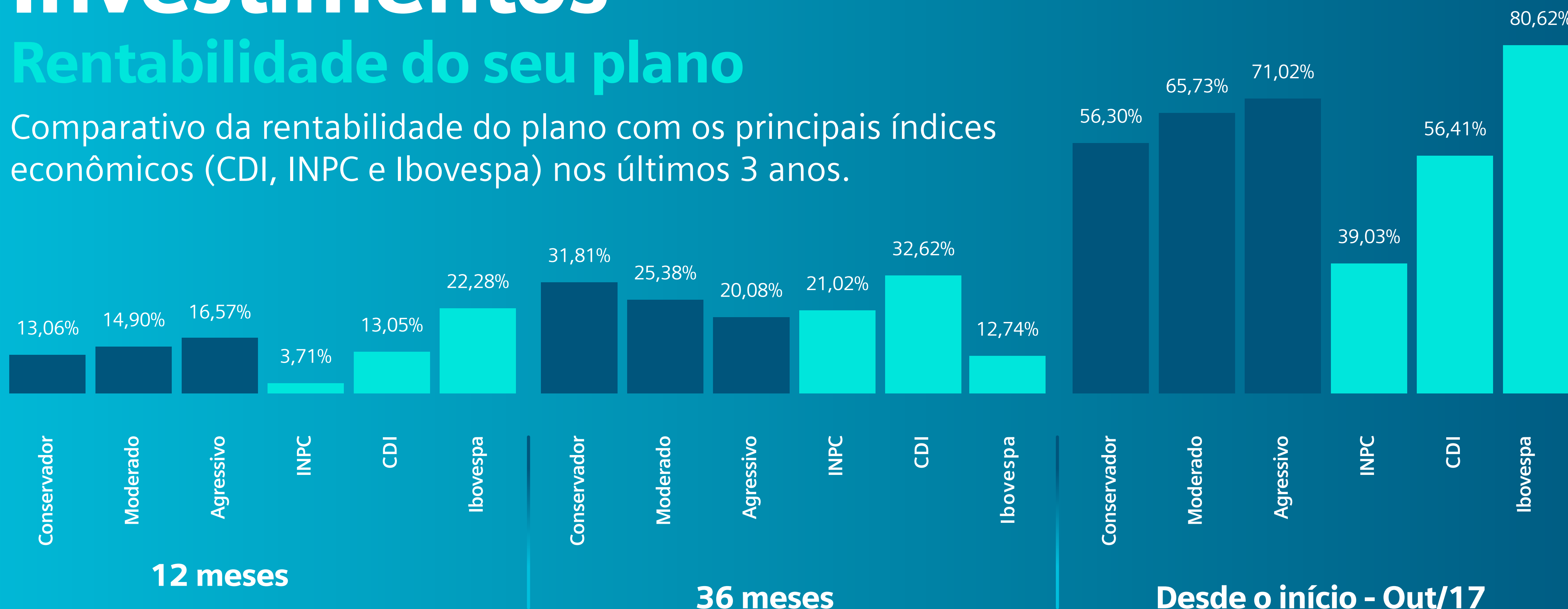
- Rentabilidade
- Meta Atuarial (INPC + 4,91%)



Investimentos

Rentabilidade do seu plano

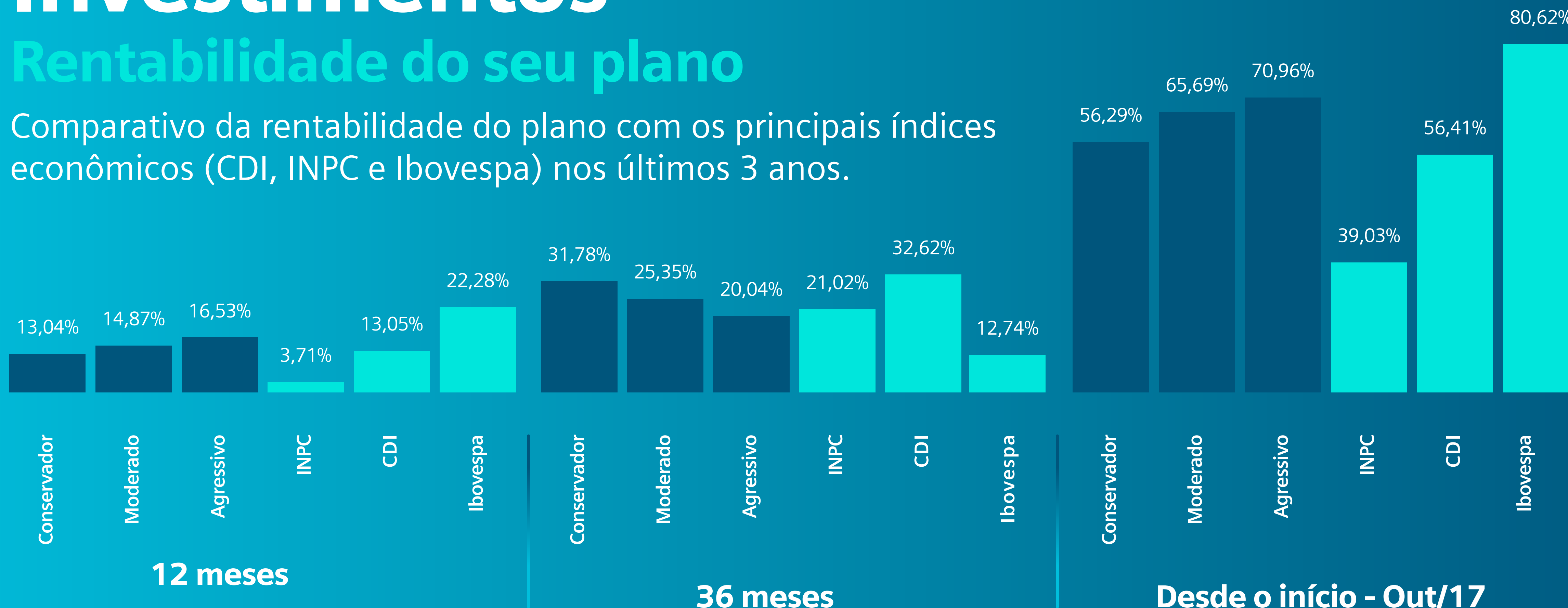
Comparativo da rentabilidade do plano com os principais índices econômicos (CDI, INPC e Ibovespa) nos últimos 3 anos.



Investimentos

Rentabilidade do seu plano

Comparativo da rentabilidade do plano com os principais índices econômicos (CDI, INPC e Ibovespa) nos últimos 3 anos.



Política e demonstrativo de investimentos

Aqui você encontra o conjunto de diretrizes e medidas que norteiam a gestão de longo prazo dos ativos dos planos de aposentadoria. Combina aspectos de filosofia de investimentos e de planejamento, e tem como pano de fundo o conceito de equilíbrio e perenidade dos planos de aposentadoria. Além disso, poderá conferir as alocações de investimentos dos planos de aposentadoria.

Política de investimentos:

[Clique aqui](#)

Demonstrativo de investimentos:

[Clique aqui](#)

Obrigações legais

Todos os documentos que você analisará a seguir já foram encaminhados para o controle e a verificação da PREVIC - órgão governamental, que tem como uma de suas principais missões proteger os interesses dos participantes e aposentados.

Parecer atuarial:

[Clique aqui](#)

Demonstrações contábeis e notas explicativas:

[Clique aqui](#)

Parecer do auditor:

[Clique aqui](#)

Despesas administrativas

Confira todas as nossas despesas de 2023 em comparação com 2022 de forma transparente e discriminada por categoria:

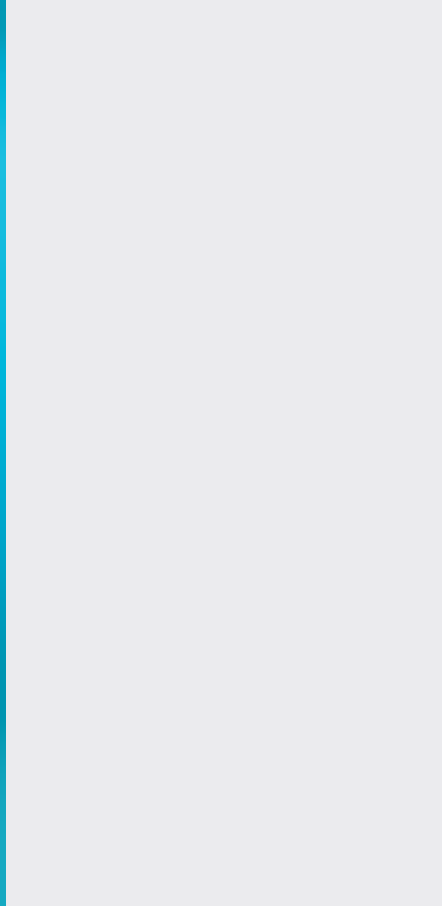
Descrição	Total	
	2023	2022
Treinamentos/congressos e seminários	45.600	29.389
Serviços de terceiros	2.466.085	2.030.682
Serviços atuariais	406.828	368.161
Serviços contábeis	326.482	305.179
Serviços jurídicos	60.000	60.509

Despesas administrativas

Descrição	Total	
	2023	2022
Serviços de TI	326.006	319.948
Serviços de gestão e projetos especiais	1.076.636	766.004
Serviços de auditoria	82.376	77.867
Serviços de investimentos	187.754	133.012
Despesas com pessoal e estrutura	2.845.179	2.623.841
Tributos	426.091	377.169
Outras despesas	2.100	16.174

Despesas administrativas

Descrição	Total	
	2023	2022
Despesas diretas com investimentos	826.271	810.407
Taxa de administração	332.838	374.886
Taxa de custódia	332.998	288.462
Taxa CETIP	160.431	147.052
Outras despesas	2	5



Obrigado!

